

MACABÉA: ENSAIOS PSICANALÍTICOS SOBRE A NEUROSE OBSESSIVA FEMININA

MACABÉA: PSYCHOANALYTICAL ESSAYS ON FEMALE OBSESSIVE NEUROSIS

Paloma Lourdes Martins¹
Gustavo Angeli²

RESUMO: Este artigo materializa uma pesquisa em psicanálise extramuros a partir da obra *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector, propomos uma discussão sobre a neurose obsessiva feminina na escuta da personagem Macabéa. Escutou-se a obra como um caso clínico, considerando-o uma potente produção artística passível de interpretações fundadas nos conceitos de uma psicanálise clínica e social. A partir disso, vislumbrou-se desdobrar as mensagens transmitidas pela personagem para promover diálogos teóricos sobre a dificuldade da mulher obsessiva lidar com seus próprios desejos. A análise da personagem propõe justamente elucidar o sofrimento das mulheres obsessivas, visto que, tal sofrimento é facilmente despercebido na clínica, pois é um sofrimento que se adapta ao mundo. Assim como Macabéa, as mulheres da atualidade continuam sendo subservientes ao papel social que lhes é imposto - dona de casa, recatada, que cuida dos filhos e acata as ordens de seu marido - e para mais, sustentando outras demandas, que incluem a vida social e profissional. O sofrimento neurótico obsessivo existente nessas situações é acreditar que se dá conta de tudo. É não blefar com a vida e com o mundo, ou seja, acreditar que existe alguém que escapou da castração e que é possível controlar, antecipar e prever a vida e os desejos. As transferências dos autores com essa expressão artística mobilizaram outros e novos sentidos sobre a temática explorada. Por isso, a articulação e interpretação da personagem Macabéa entrelaçando a estrutura neurose obsessiva podem produzir uma escuta menos cristalizada em relação ao sofrimento da mulher obsessiva.

Palavras chaves: Psicanálise. Neurose obsessiva. Feminino. Macabéa.

ABSTRACT: *This article materializes a research in extramural psychoanalysis based on Clarice Lispector's work *A hora da Estrela* (1977), proposing a discussion about female obsessive neurosis in listening to the character Macabéa. The work was listened to as a clinical case, considering it a powerful artistic production that could be engraved in the concepts of clinical and social psychoanalysis. From this, it was possible to value the messages transmitted by the character to promote theoretical dialogues about the difficulty of the obsessive woman to deal with her own desires. The analysis of the character precisely proposed to elucidate the suffering of obsessive women, since such suffering is easily unnoticed in the clinic, as it is a suffering that adapts to the world. Just like Macabéa, contemporary women continue to be subservient to the social role that is imposed on them - housewife, demure, who takes care of the children and obeys her husband's orders - and, moreover, sustaining other*

¹ Graduanda do curso de Psicologia – UNIFEBE. E-mail: paloma.martins@unifebe.edu.br.

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia – UNIFEBE. E-mail: gustavoangeli@gmail.com.

demands, which include life social and professional. The obsessive neurotic suffering that exists in these situations is believing that you are aware of everything. It's not bluffing with life and the world, in other words, believe that there is someone who escaped castration and that it is possible to control, anticipate and predict life and desires. The authors' transfers with this artistic expression mobilized other and new meanings about the explored theme. Therefore, the articulation and interpretation of the character Macabéa, intertwining the structure of obsessive neurosis, can produce a less crystallized listening in relation to the suffering of the obsessive woman.

Keywords: *Psychoanalysis. Obsessive neurosis. Feminine. Macabéa.*

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a neurose obsessiva feminina a partir da obra “A hora da estrela” (1977) de Clarice Lispector e tem como objetivo articular a dinâmica psíquica apresentada pela personagem Macabéa com os pressupostos teóricos da psicanálise, em especial a neurose obsessiva. A partir da criação da teoria psicanalítica, Freud funda uma nova forma de conceber o psiquismo humano. Esse movimento se inicia com as histéricas da época, que até então, eram ditas como mentirosas pelos médicos e pela sociedade. O sofrimento dessas mulheres não era validado, pois não eram consideradas doentes, posto que, não apresentavam sintomas que eram comprovados por meio de exames. Freud, dá voz às histéricas, concomitantemente, a outro sofrimento: o sofrer relacionado ao pensamento.

À vista disso, cria um novo conhecimento, apontando a pluralidade que é o psiquismo humano. Evidencia-se que tanto a histeria como a neurose obsessiva têm sua origem no mesmo conflito, associada à necessidade de desviar as exigências libidinais do complexo de Édipo. Nesse viés, entende-se que desde a criação da psicanálise, esta não possui viés de gênero para interpretar as estruturas psíquicas, se afastando do discurso que mulheres são histéricas e homens neuróticos obsessivos. Evidenciando que a inclinação à neurose, se estabelece pela forma com que o sujeito resolve seu conflito edípico, ou seja, ressaltamos que ao longo desse percurso associar neurose obsessiva ao feminino foi um grande desafio, em um primeiro momento pela baixa produção e debate em torno da temática na literatura psicanalítica, como também por leituras e concepções muitas vezes cristalizadas em psicopatologias ou a naturalização da neurose obsessiva ligada ao masculino, como se estivéssemos sempre falando de um transtorno psicológico ou de um homem. Dessa forma, o artigo vislumbra uma problematização acerca do preconceito existente nas análises do psiquismo humano e na associação da neurose obsessiva ao masculino e da neurose histérica relacionada ao feminino.

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), o termo neurose foi inicialmente mencionado em 1769 pelo médico escocês William Cullen, com o intuito de definir as doenças nervosas que resultam em distúrbios da personalidade, sendo difundido na França por Philippe Pinel em 1785. Contudo, é somente em 1893 que passa a ser utilizado por Sigmund Freud, como conceito para referir-se a uma doença nervosa cujos sintomas simbolizam um conflito psíquico recalcado, de origem infantil. Foi a Freud, que coube o mérito de, pela primeira vez, conferir um conteúdo teórico à antiga clínica das obsessões, não apenas situando a doença no registro da neurose, mas também fazendo dela, frente à histeria, o segundo grande componente da estrutura neurótica humana.

Com o avanço da psicanálise, o conceito foi transformado e novas leituras foram possíveis, até encontrar um lugar ao lado de duas outras estruturas, a psicose e a perversão. Como efeito, com base no ponto de vista freudiano, classificam-se no registro da neurose, a histeria e a neurose obsessiva. Ao se tratar da neurose obsessiva, Roudinesco (2001) afirma que é a segunda grande doença nervosa da classe das neuroses, segundo a teoria psicanalítica. Tem como origem um conflito psíquico infantil e uma etiologia sexual caracterizada por uma fixação da libido no estágio anal. Sua sintomatologia vista na clínica, apresenta-se através de ritos conjuratórios de tipo religioso, obsessões e uma ruminação mental incessante, na qual intervêm dúvidas e escrúpulos que inibem o pensamento e a ação (Roudinesco e Plon, 2001).

Laplanche e Pontalis (2001) salientam que a neurose obsessiva se estabeleceu como um dos quadros fundamentais da clínica psicanalítica. A problemática psíquica é ligada a sintomas compulsivos, seja por meio de ideias, atos indesejáveis, rituais conjuratórios, de ideias importunas, compulsão a realizar ações que o sujeito não tem vontade, concomitantemente à luta contra pensamentos, sendo característico a ruminação de pensamentos e as dúvidas.

No tocante à etiologia da neurose obsessiva, Laplanche e Pontalis (2001, p. 313) apresentam como:

Do ponto de vista dos mecanismos (deslocamento do afeto para representações mais ou menos distantes do conflito original, isolamento e anulação retroativa); do ponto de vista da vida pulsional (ambivalência, fixação na fase anal e regressão); e, por fim, do ponto de vista tópico (relação sadomasoquista interiorizada sob forma de tensão entre o ego e um superego particularmente cruel). Esta elucidação da dinâmica subjacente à neurose obsessiva e, por outro lado, a descrição do caráter anal e das formações reativas que o constituem permitem ligar à neurose obsessiva quadros clínicos em que os sintomas propriamente ditos não são evidentes à primeira vista.

A neurose obsessiva evidencia-se pelo fato do paciente apresentar excessivamente pensamentos que não está interessado e é invadido por impulsos que para si mesmo são considerados estranhos. Sente-se obrigado a realizar ações que não oferecem inicialmente nenhuma satisfação, mas que é totalmente impossível não realizá-las. Vê-se obrigado, contra sua vontade, a remoer pensamentos e a especular, como se fosse seus mais importantes problemas da vida. Os impulsos dos quais o paciente percebe por si só, podem causar uma impressão de imaturidade e falta de sentido. Entretanto, possui um conteúdo da mais assustadora categoria, tentando-o, por exemplo, a cometer graves crimes. Por esse motivo, foge com horror e se proíbe de executá-los recorrendo a proibições, renúncias e restrições em sua liberdade (Freud, 1917/1996).

Tais impulsos nunca forçam seu caminho rumo à realização. Aquilo que o paciente realmente efetua, os atos obsessivos, são ações muito inofensivas e certamente banais, na maior parte das vezes, é uma repetição ou elaboração de rituais das atividades da vida corrente. Essas atividades obrigatórias (deitar-se, lavar-se, vestir-se ou andar a pé) se tornam, contudo, tarefas extremamente fatigantes e quase insolúveis. Nos diferentes casos e formas de neurose obsessiva, as ideias, os impulsos e as ações patológicas não se combinam em proporções iguais. Um ou outro desses fatores domina o quadro e dá seu nome à doença, mas o elemento comum em todas essas formas é suficientemente inconfundível (Freud, 1917/1996).

Ao se tratar da neurose obsessiva em mulheres, Freud (1917/1996) explora alguns casos e menciona exemplos de mulheres angustiadas, tirando e colocando travesseiros, temendo pela vida de seus maridos. O que caracteriza a neurose obsessiva, tanto em mulheres como homens, é o recalçamento da representação inconsciente insuportável, deixando um resto deslocado de angústia que se desloca para o pensamento. Santoro (2004) afirma que na atualidade a mulher obsessiva se ancora em valores fálicos de encobrimento imaginário; ela se atribui valores como saber demais, trabalhar demais, poderosa, falo positivado sem a falta.

Chemama (1999) enfatiza que há alguns anos, sente ter notado mais mulheres obsessivas, do que na época de Freud. Santoro (2004) associa o aumento de casos de neurose obsessiva feminina, com o novo papel social da mulher, dado que, reproduz o declínio da função paterna e surge a necessidade da mulher trabalhar para sustentar sua família. A partir disso, compreende-se que existe influência sobre as diversas mudanças no psiquismo, de acordo com as mudanças sociais de determinada época.

Nesse viés, Chemama (1999) aprofunda a temática e apresenta um caso de uma mulher neurótica obsessiva, chamada Flória, com mais ou menos quarenta anos, que o procurou pelo fato de certo dia ter ido doar sangue, e a pessoa a quem ela se dirigiu lhe disse que ela não devia ter ido, pois não poderiam aceitar seu sangue, pois estava contaminado. Flória sabia que tal informação não era verdadeira, e pôde ter a certeza, dirigindo-se a outro lugar, de que não estava em absoluto contaminada. Isso não impediu, a partir desse dia, o constante movimento de ruminação de pensamento, não conseguia parar de duvidar de si mesma. Nesse sentido, diversas dúvidas surgiram como se talvez, ela mesma, pudesse ter esquecido, e Flória apesar de não querer ter essas ideias, não conseguia afastar-se delas.

Ao longo das associações, Flória rapidamente relembra sua neurose infantil: recorda ter sido uma criança com muito cuidado em respeitar seus pais, para além das regras que lhe eram demandadas, em particular as regras religiosas. Por exemplo, haviam proibido ela de beber antes de uma cerimônia religiosa. Flória, ampliou a regra, não apenas não devia beber, mas não devia engolir sua saliva. E, quando ela mesmo assim o fazia, sentia-se impura (Chemama, 1999). Nesse viés, é possível perceber que as regras que a paciente realizava ainda em sua infância, reverberaram ao longo de sua vida. Ademais, Chemama (1999) relata que na vida adulta, as obsessivas são mulheres que geralmente estão muito longe de uma realização sexual satisfatória. E, ao mesmo tempo, os fantasmas sexuais invadem seus pensamentos ou seus sonhos, sobretudo sob uma forma sádica. É como se essas mulheres retomassem por sua própria conta uma significação fálica que o homem não pode mais assumir, mas dando a ela uma dimensão de ridicularização.

Nesse sentido, o artigo propõe, a partir da teoria freudiana, a análise da personagem Macabéa da obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector (1977). Mediante a escuta e mobilizações da acadêmica, será realizado um percurso entrelaçando a escuta da personagem com os conceitos psicanalíticos em torno do desejo, morte e o sentido dos sintomas, na neurose obsessiva feminina.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 NEUROSE OBSESSIVA: OS PRIMÓRDIOS DA SEDUÇÃO E O ABANDONO DA TEORIA DA SEDUÇÃO

Freud em “As neuropsicoses de defesa” (1894/1996), discorre sobre sua primeira teoria em relação às neuroses, inaugurando a Teoria da Sedução. O autor criou as psiconeuroses de defesa, pois essa seria uma defesa frente ao trauma do abuso sexual infantil. Nessa época, Freud (1894/1996) entendia que o sujeito passava por um abuso sexual durante a primeira infância e que, em decorrência de um acontecimento durante a adolescência ou fase adulta, o psiquismo passava por uma clivagem, como um mecanismo de defesa, contra a recordação da cena traumática inicial (FREUD, 1914/1996). Mais tarde, abandona a teoria da sedução, em 1897, e a neurose tornou-se um conflito psíquico inconsciente, de origem infantil e vinculado ao Complexo de Édipo. Nesse viés, evidencia-se que a etiologia das neuroses está ligada a dois principais pontos: o primeiro refere-se à sua constituição relacionada aos fatos atuais, como também, às experiências infantis; o segundo se trata da diferença do quadro sintomático de cada neurose. Com isso, Freud (1898/1996), explicitou a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica da Psicanálise e apresentou a existência de dois tipos clínicos de neurose: a histeria e a neurose obsessiva. Por um curto período de tempo, Freud (1898/1996) chegou a considerar a neurose obsessiva como um dialeto da histeria. Descreveu alguns sintomas característicos e frequentes de seus pacientes, peso na cabeça, fadiga, constipação e irritação como sendo sintomas da histeria; e sobressalto, inquietude, temores, ataques de angústia e insônia, como sintomas da neurose obsessiva (Freud, 1898/1996).

A neurose obsessiva apresenta-se como assunto particular do paciente, afastando-se quase que por completo dos sintomas somáticos e criando todos os sintomas exclusivamente no campo psíquico. Ademais, Freud (1894/1986) destacou uma importante diferença referente à etiologia sexual das neuroses. Na origem histórica, encontra-se a passividade sexual, uma experiência de vivência com indiferença e temor. Na neurose obsessiva, ocorre o contrário, refere-se a uma experiência que causou certo prazer. As ideias obsessivas, são as reprovações que o sujeito dirige a si próprio, pelo gozo sexual precoce, estando tais reprovações deformadas por um trabalho psíquico inconsciente de substituição das representações intoleráveis.

As lembranças e as repulsas das experiências sexuais infantis não chegam à consciência sem sofrer deformações. O mecanismo da neurose obsessiva está sob uma vigilância inconsciente para barrar o conteúdo recalçado à consciência. Esta barra é imperfeitamente realizada e pode fracassar a qualquer momento. Quando os atos obsessivos não são suficientes para defesa e proteção do conteúdo recalçado, surgem as proibições. Os atos proibidos são aqueles em que seu desejo se manifestou na época infantil. Nos atos obsessivos, há um deslocamento deste elemento autêntico e importante para um substituto banal (Freud, 1898/1996). Ademais, nota-se que a partir da teoria psicanalítica foi possível escutar e tratar um sofrimento que até então, era invalidado, pois as históricas eram tidas como mentirosas e não se tinha conhecimento sobre o sofrer relacionado ao pensar.

É com o abandono da teoria da sedução que Freud funda a teoria da fantasia, isto é, o abuso da cena traumática, que estabelece o início da neurose, foi fantasiado pela criança com sua relação incestuosa com a figura materna e paterna. Apesar de manter uma certa correlação entre passividade e histeria, por um lado, e atividade e

obsessão, por outro, Freud rejeitou significativamente esses dois polos extremos, e substituiu por uma explicação etiológica baseada em sua nova teoria da sexualidade. A neurose obsessiva passou a ser uma neurose que afeta tanto os homens quanto as mulheres e que tem como origem um conflito psíquico (Roudinesco e Plon, 2001).

Apoiado em Kehl (1999), é possível vislumbrar que o obsessivo é o “careta” entre os neuróticos, seus sintomas são picuinhas. O sofrimento baseia-se em ter que se haver com obrigações contraditórias e absurdas, sobre pequenos detalhes cotidianos, que um histérico, por exemplo, nem perceberia. O obsessivo é o sujeito que tenta barrar qualquer excesso no gozo do outro, barra qualquer sinal que possa lembrar-lhe tudo que ele mesmo não se permite. Ademais, seu sintoma apresenta-se na forma de um imenso sentimento de culpa, que opera para afirmar a lei, para fazê-la funcionar de forma excessiva que não cumpre, para se castigar.

Para o neurótico obsessivo, o saber do outro existe, sem a falta, e lhe aparece sempre como algo que ainda falta dominar. É um paranóico de pequenas causas, que não sabe, ou mais – não pode – deixar nada barato. Além disto, existe o blefe da própria neurose obsessiva, do qual o sujeito neurótico não se dá conta. Sua preocupação com as regras, com as pequenas exigências da lei, com os compromissos, com a opinião do semelhante, faz parecer que o obsessivo é o principal responsável pela sustentação do laço social. Isto é, provavelmente, o que qualquer neurótico obsessivo diria de si próprio – que sem o esforço dele, o mundo não andaria nada bem, esse fato, evidencia-se entre as mães e esposas obsessivas, para que as coisas funcionem. Nesse sentido, o blefe do obsessivo, é a máscara que o sujeito cria para ocultar uma falta, se fazendo de “tudo”, como se fosse fálico para se compensar e invalidar a castração (Kehl, 1999).

2.2 PRIMEIRO GRANDE CASO DE NEUROSE OBSESSIVA: O HOMEM DOS RATOS

Para explicitar a dinâmica de um obsessivo, faz-se necessário discorrer sobre o primeiro grande caso dessa neurose. Depois do abandono da teoria da sedução, Freud só voltou a discorrer sobre a neurose obsessiva em 1907, inaugurando o primeiro caso de um sujeito acometido por essa neurose, o grande caso de Ernst Lanzer, chamado de Homem dos Ratos. O paciente apresentou-se a Freud com queixa de obsessões desde sua infância, sofria imenso temor de que algo acontecesse a duas pessoas que amava - seu pai e uma jovem a quem admirava. Além disso, tinha consciência de impulsos compulsivos (cortar sua garganta com uma navalha), em seguida produzindo proibições. Certo dia em que a jovem de quem gostava ia partir, o paciente tropeçou numa pedra na rua em que caminhava, e foi obrigado a afastá-la do caminho, pondo-a à beira da estrada, pois lhe veio a ideia de que o carruagem da jovem iria passar e poderia bater na pedra e acidentarse. Contudo, minutos depois pensou que a ideia era um absurdo, e sentiu-se obrigado a voltar e recolocar a pedra à sua posição original. As ideias obsessivas se definem por auto-censuras transformadas que insurgem do recalque e se referem a algum ato sexual praticado ou fantasiado na infância. A partir dessa tentação e impulso, é possível identificar a neurose obsessiva em Ernst. Visto que, a neurose obsessiva é uma estrutura que tem a natureza de uma conciliação entre ideias recalçadas e ideias repressoras. Apesar do paciente esforçar-se para amenizar o conteúdo inaceitável pelo inconsciente, essa ação é falha, os sujeitos destituem de afeto tais conteúdos, deslocando-os para outras ideias (FREUD, 1909/1996).

Ernst, assim como o pai, ingressou na carreira militar e em 1901, começou a ser orientado por obsessões sexuais e mórbidas; manifestava um gosto especial por funerais e ritos de morte, tinha o hábito de olhar seu pênis no espelho para se certificar de seu grau de ereção, e tinha inúmeras tentações suicidas, baseadas em censuras e acusações dirigidas contra si mesmo, acompanhadas por resoluções por meio de orações (FREUD, 1909/1996). A grande obsessão que o levou a consulta com Freud, foi durante o verão de 1907, durante um exercício militar na Galícia. Ouviu o cruel capitão Nemeček, adepto dos castigos corporais, contar a história de um suplício oriental que consistia em obrigar o prisioneiro a se despir e a se ajoelhar no chão com o dorso curvado para a frente. Nas nádegas do homem fixava-se então, por meio de uma correia, uma grande vasilha furada onde um rato se agitava. Privado de alimento e atizado por um pedaço de ferro em brasa introduzido num orifício da vasilha, o animal procurava fugir da queimadura e penetrava no reto do supliciado, infligindo-lhe feridas sangrentas. O rato depois de mais ou menos meia hora, morria sufocado, ao mesmo tempo que o prisioneiro.

Nesse dia, Lanzer perdeu seu broxe durante um exercício. Telegrafou a seu oculista, em Viena, para lhe encomendar outro, que deveria ser enviado pelo correio. Dois dias depois, recebeu o objeto por intermédio do mesmo capitão, que lhe informou que as despesas postais deveriam ser reembolsadas ao tenente David, funcionário do correio. Obrigado a fazer o reembolso, Lanzer teve então um comportamento delirante em torno do pagamento da dívida. A história do suplício misturou-se com a da dívida e fez surgir na memória do Homem dos Ratos um outro episódio envolvendo dinheiro. Um dia seu pai contraíra uma dívida de jogo: fora salvo da desonra por um amigo que lhe emprestara a soma necessária para o pagamento. Heinrich havia tentado, findo o seu serviço militar, reencontrar esse homem, mas não conseguiu fazê-lo. Por isso, a dívida com certeza nunca foi paga.

Foi através das associações, na qual ocupou para Lanzer o lugar de um pai, que Freud conseguiu relacionar o complexo paterno com a obsessão dos ratos. Enunciou a hipótese de que, por volta dos seis anos de idade, o pequeno Ernst teria praticado uma má ação de ordem sexual, relacionada com a masturbação, e teria sido castigado pelo pai. Nessa ocasião, depois de ter mordido sua governanta, levou uma surra do pai. Furioso, havia-o xingado, cumulando-o de nomes de objetos: “Seu lâmpada! Seu guardanapo!” (FREUD, 1909/1996, p. 121). Heinrich exclamou então: “Ou esse menino vai se tornar um grande homem, ou será um grande criminoso” (Freud, 1909/1996 p. 121). Ao relatar essa cena, da qual não tinha nenhuma lembrança, Lanzer duvidou dos sentimentos de ódio que teria nutrido pelo pai. Contudo, em seus sonhos e associações, começou a insultar grosseiramente seu analista, de quem, ao mesmo tempo, reivindicava um castigo.

O capitão assumia para o paciente, o lugar do pai e atraía para si uma animosidade comparável à que em outro momento tinha reagido à crueldade de Heinrich. Segundo Freud (1909/1996), o rato revestiu-se ali da significação do dinheiro e, portanto, da dívida, que se manifestou na análise por uma associação verbal, “florim/rato” ou “quota/rato”, já que, desde o início do tratamento, o paciente adquirira o hábito de contar o montante dos honorários dizendo: “Tantos florins, tantos ratos” (Freud, 1909/1996, p. 124). Nesse sentido, apoiado em Roudinesco e Plon (1998), é possível sublinhar que o encontro entre Freud e o Homem dos Ratos representa o drama de Sófocles que opõe Édipo a Esfinge. Ele pôs em cena a essência do amor edípiano pela mãe e do ódio pelo pai.

As ideias relacionadas à morte do pai do paciente, permitiram vislumbrar um medo e um desejo ao mesmo tempo existente em Ernst. Na situação do castigo dos ratos, é possível perceber que existe um ponto de identificação entre o paciente enquanto criança e o rato que vem substituir o objeto, mas há uma inversão, pois em vez de sair pelo ânus, como as fezes, o rato entra. Exatamente no momento em que ele morde a governanta, emerge na fala do pai o enunciado: “Vai ser um grande homem ou um criminoso” (Freud, 1909/1996 p. 121). Como ele responde? Como um criminoso! E por sua vez, produz uma fantasia em que precisa ser punido, em virtude do desejo de matar o Pai, mas, no plano da realidade, manifesta-se como um grande covarde. Nesse sentido, o fato de algo ser fantasiado por alguém coloca esse alguém na posição de atividade, em posição sádica. O fato de pensar na morte do pai coloca o homem dos ratos em posição de organizar essa morte. O combate a esse desejo é feito através das violentas auto-acusações. Elas estão intimamente articuladas às fantasias sádico-anais (Freud, 1909/1996).

Freud (1908/1996) salienta que existem determinadas qualidades de caráter que apresentam especificidades referentes a fixação e a regressão psíquica às funções somáticas e seus respectivos órgãos no período da infância e constituição psíquica. Freud, em seu texto O caráter e o erotismo anal de 1908, discorre sobre três qualidades de caráter: cuidadosos, econômicos e teimosos. Cada uma destas qualidades sintetiza traços característicos, que estão ligados entre si. O cuidadoso compreende a escrupulosidade no cumprimento de deveres; o econômico pode ser intensificado até a avareza; a tenacidade pode converter-se em obstinação, ligando-se a ela uma tendência a inclinações vingativas ou pode transformar-se em rebeldia.

Tais sujeitos em sua primeira infância, desfrutaram de um tempo relativamente longo para superar sua incontinência fecal infantil, e que na infância posterior sofreram falhas isoladas nessa função. Quando bebês se recusavam a esvaziar os intestinos, porque tinham prazer no ato de defecar, pois gostavam de reter as fezes. Tal ato, indica que existe uma constituição sexual na qual o caráter erógeno da zona anal é excepcionalmente forte. Contudo, como não há resquícios dessas fraquezas e idiosincrasias após o término da infância, conclui-se que no decorrer do desenvolvimento, a zona anal perde sua significação erógena. É de se suspeitar que a regularidade com que essa tríade de propriedades apresenta-se no caráter dessas pessoas possa ser relacionada com o desaparecimento do erotismo anal (Freud, 1908/1996).

O erotismo anal é um dos componentes do instinto sexual que, no decurso do desenvolvimento e de acordo com a educação que a atual civilização exige, se tornarão inúteis para os fins sexuais. Portanto, é plausível a suposição de que esses traços de caráter - a ordem, a parcimônia e a obstinação -, com frequência relevantes nos sujeitos que anteriormente eram anal-eróticos, sejam os primeiros e mais constantes resultados da sublimação do erotismo anal. A limpeza, a ordem e a fidedignidade dão exatamente a impressão de uma formação reativa contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo. Ainda uma outra circunstância facilita essa equação no pensamento neurótico. Se entende que o interesse erótico original na defecação está destinado a extinguir-se em anos posteriores. Nessa ocasião aparece o interesse pelo dinheiro, que não existia na infância. Isso facilita a transferência da impulsão primitiva, que estava em processo de perder seu objetivo, para o objetivo emergente (FREUD, 1908/1996). A neurose obsessiva remonta então a inibições e fixações primitivas, a erotização da região anal é uma forma de defesa privilegiada pelo obsessivo.

Dessa forma, nota-se que a obsessão é sempre incômoda, suja, representa sempre algo desagradável e, ainda assim, é possível perceber o prazer que o sujeito experimenta em volta e meia retomar ao tema obsessivo. A neurose obsessiva é uma das formas do sujeito se descobrir como faltante. No enfrentamento da falta, o sujeito precisa atravessar suas frustrações e privações. Vai precisar viver a castração como forma de entrar em um mundo que havia antes dele, onde ele entrou sem solicitar e que continuará existindo apesar dele, sujeito. E, ainda que o obsessivo continue negando o desejo que lhe move as entranhas, o desejo, estará sempre presente, fazendo-se causa do movimento em direção a uma satisfação impossível (ALCÂNTARA, 2011).

METODOLOGIA

Em relação às estratégias de produção de conhecimento utilizados para tornar-se possível este artigo concomitantemente à análise da personagem Macabéa, fez-se necessário a utilização da psicanálise extramuros. Esse modelo de pesquisa tem como base a produção de conhecimento por meio do método psicanalítico, fora do contexto clínico tradicional.—Mezan (1985) afirma que Freud desejava que a Psicanálise conquistasse seu espaço para além do consultório, adentrando outros campos e inaugura também a utilização da psicanálise extramuros. Desde então, são diversas as produções feitas por psicanalistas, dentro do contexto acadêmico ou não, com o objetivo de utilizar o método psicanalítico como metodologia de investigação e pesquisa.

Esse modelo de pesquisa é fundamentado nos conceitos da clínica freudiana e se apropria da interpretação, atenção flutuante e associação livre. Contudo, com certas diferenças, visto que, é divergente a interpretação e o conteúdo que é exposto ao analista. Segundo Mezan (1985), por meio da atenção flutuante o analista explora novos sentidos na leitura da obra e como efeito realizará uma leitura flutuante. Existem conteúdos latentes dentro da obra, e é papel do analista identificá-los e interpretá-los, utilizando-se do seu próprio inconsciente. Isto é, por meio da leitura flutuante, existe uma comunicação entre inconsciente do analista e inconsciente do autor.

Kobori (2013), salienta que a escuta utilizada no consultório clínico psicanalítico tradicional se apresenta de maneira diferente do que na psicanálise extramuros. O analista deve ser cauteloso com as emoções produzidas pela obra. Destaca que apesar de haver diferenças, a interpretação ainda é pautada na atenção flutuante e na associação livre. A primeira se trata da concepção de uma escuta que não dá enfoque a nem um, nem outro conteúdo, é a atenção flutuante que orienta a escuta do analista. A partir dela, é possível que o analista recolha o que existe de associativo na fala do sujeito no tratamento psicanalítico, e a associação livre consiste em o paciente relatar ao analista tudo o que lhe vier à mente, sem qualquer restrição. Ao tratar-se da interpretação, Mezan (1988) indica que o analista deve atentar-se à sua contratransferência com a obra, aos seus sentimentos durante a leitura e nas associações livres. Nesse sentido, é apoiando-se na contratransferência que tem-se a possibilidade de pensar a associação livre em psicanálise extramuros.

A pesquisa em psicanálise, se faz possível pela implicação do pesquisador frente ao tema de estudo. Iribarry (2003) elucida o fato de que mesmo uma pesquisa teórica existe transferência. Isto é, o pesquisador ao se debruçar sobre uma teoria que deseja estudar, estabelece uma relação transferencial com o próprio conteúdo investigado na medida em que estas leituras o tocam de determinada forma para além da racionalidade empregada na própria leitura de um texto em particular. A partir do

momento em que se lê, estuda-se, o pesquisador se esforça para compreender qualquer que seja articulação teórica, não só o pensamento lógico está ativo, mas processos inconscientes ocorrem, disparados pela estranheza de objeto e campo de investigação, a saber, a própria teoria.

Ademais, a partir de tal articulação compreende-se que pesquisa teórica sobre psicanálise qualquer um que não seja analista é capaz de realizá-la. Já uma pesquisa em Psicanálise pressupõe um desenvolvimento teórico atravessado diretamente pelas experiências do pesquisador enquanto analista e/ou paciente, mesmo naquelas de cunho e desenvolvimento essencialmente teóricos. Com relação então a questão da transferência na pesquisa psicanalítica, convém distinguir seus destinos distintos na pesquisa clínica e teórica, seguindo o pensamento de Iribarry (2003). Segundo o autor, enquanto na situação da prática clínica a transferência é dissolvida (no sentido de ser interpretada), na situação de pesquisa psicanalítica a mesma deve ser então instrumentalizada para se tornar um texto metapsicológico.

O autor refere-se a uma instrumentalização no sentido de uma sistematização acerca daquilo que o pesquisador transfere inconscientemente com relação às teorias que estuda e que lhe deslocam de lugar. Isso porque o processo de investigação teórico em Psicanálise não se desenvolve somente a partir de leituras rigorosas e ávidas por montar os quebra-cabeças das lacunas do pensamento freudiano, mas também pela intuição disparada no pesquisador ao ter contato com a natureza peculiar da própria Psicanálise, uma vez que esta versa sobre o próprio sujeito e sua própria constituição. Ao ter contato com a obra psicanalítica como leitor, e ainda mais como investigador do próprio arcabouço teórico, o pesquisador já está implicado de antemão na medida em que o que ele estuda e se lança a compreender diz respeito a ele mesmo (Iribarry, 2003).

A partir da psicanálise extramuros, o artigo propõe, a partir da teoria freudiana, a análise da personagem Macabéa da obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector (1977). Mediante a escuta e mobilizações da acadêmica, será realizado um percurso entrelaçando a escuta da personagem com os conceitos psicanalíticos em torno do desejo, morte e o sentido dos sintomas, na neurose obsessiva feminina.

ANÁLISE

A obra “A Hora da Estrela” foi publicada em 1977 e discorre sobre a breve vida de Macabéa, jovem nordestina, virgem, com 19 anos de idade, vinda do sertão de Alagoas para se aventurar numa cidade toda feita contra ela, o Rio de Janeiro. É uma pessoa de vaga existência, tão tola que sorria para os outros na rua sem ao menos ser olhada. Órfã desde os dois anos, não sabia mais o que era ter pai e mãe, tinha esquecido o sabor. Disse que havia brotado da terra do sertão em cogumelo, logo mofado (Lispector, 1977).

Fazia da profissão de datilógrafa sua única consistência, identidade essa que foi provocada pela tia que a criou, que constantemente a privou de seus prazeres. A tia sentia prazer em bater nela, contudo, os tapas ela conseguia esquecer, porque “esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida” (Lispector, 1977, p. 25). A menina não perguntava por que era sempre castigada, mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida. Nesse viés, a dinâmica da obsessiva ganha vida, apesar da tia lhe proibir o prazer, é Macabéa que instaura um grande vigilante dentro e fora de si, para não responder ao seu desejo, tal vigilante corresponde ao superego. As exigências do superego

aparecem das mais variadas maneiras no cenário da mulher obsessiva. Os efeitos deste surgem nas tarefas desgastantes, no sentimento de culpa, nos fracassos mantidos, nos adoecimentos, nas compulsões em busca de um gozo e nos rituais (Lacan, 1957-1958/1999).

Para Macabéa, seu superego ultrapassa a instância psíquica, tendo também um corpo físico, sua tia. Tal fato, leva a moça a ir para o Rio de Janeiro, para sair dos olhos da tia, dessa que a castrava, para poder se permitir algo. Esse afastamento além de físico, é principalmente psíquico, assim, ela pode se permitir experimentar algum desejo e consegue negociar com o superego feroz que habita nela. No Rio de Janeiro, a moça morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas. O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre, entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto (Lispector, 1977).

Diferente das prostitutas, a personagem empenha-se em manter seu corpo inibido. Coppus e Bastos (2012) salientam que a mulher obsessiva se esforça em manter seu corpo silenciado e mortificado em relação a tudo que faça referência ao sexual, fazendo de seu corpo uma armadura limpa e intocável que a trai quando ela menos espera. No tocante a Macabéa, era virgem, pois exercia com obediência tal papel, e Lispector (1977, p. 19) ressalta que “trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha”, nesse sentido, se explicita a dinâmica obsessiva, quando a personagem isola os afetos relacionados ao sexual e transforma em algo não sexual. Nesse viés, é possível compreender o quanto a neurose obsessiva tem grande dificuldade em lidar com o campo dos prazeres, isto porque o desejo é ligado a um sinônimo de ameaça de castração. Em outro momento, ouviu na rádio que o único animal que não cruza com filho era o cavalo, logo respondeu em voz alta para o locutor da rádio “Isso, moço, é indecência” (Lispector, 1977, p. 33).

É possível vislumbrar tal movimento nas mulheres da atualidade, sendo obedientes ao papel social que lhes é imposto - dona de casa, recatada, fiel ao matrimônio, que cuida dos filhos e acata as ordens de seu marido - e para mais, sustentando outras demandas, que incluem vida social e profissional. Apoiado em Ribeiro (2006), diferente da histérica que diz sobre a impotência do mestre em lhe dar um significante que a defina como mulher, a obsessiva não denuncia o discurso da falta, procura e acha um assento fálico, quer bancar a referência do lar, trabalhando e dando conta de tudo. A clínica mostra que o recurso mais habitual das mulheres obsessivas é o de se prenderem à palavra do homem que lhes diz “tu és minha mulher”. É na fantasia de ser a mulher de seu homem que a obsessiva cala a denúncia que a histérica sustenta: o apontamento da falta do Outro. Dessa forma, dedicando-se a tamponar a falta. Uma mulher, obsessiva ou histérica, só pode amar um homem que esteja marcado pela falta, porém ali onde a histérica goza em denunciar o vazio, a obsessiva esforça-se em preenchê-lo, oferecendo-lhe seus préstimos de escrava, pagamento justo pelo assento fálico que ele lhe fornece no significante: “minha mulher”.

Voltando a personagem, logo após chegar no Rio de Janeiro, iniciou seu trabalho como datilógrafa, porém o nulo grau de instrução dificultava o manejo com as letras. Sua marca era a sujeira que deixava no papel e o mau cheiro que exalava no ar do quarto de aluguel e no escritório de trabalho. A falta de cuidado consigo mesma pode permitir pensarmos em um mecanismo de defesa, vinculado a formação reativa, ou seja, do ponto de vista inconsciente, Macabéa possuía muita vontade de ser uma mulher bonita, cheirosa, que tem seu corpo desejado (semelhante às prostitutas de sua rua), mas ao invés de se tornar tal mulher, transforma esse desejo

em seu oposto, realizando um ato para encobrir o desejo inconsciente. A marca do mau cheiro e do descuido consigo mesma da personagem demarcam um sintoma, Freud (1917/1996), em “O sentido dos sintomas”, destaca que um conteúdo manifesto na formação sintomática se caracteriza como um representante disfarçado de um conteúdo inconsciente recalçado da consciência do sujeito. Esse elemento recalçado traz algo das vivências da neurose obsessiva e se manifesta no sintoma de forma bastante distorcida, irreconhecível para o próprio sujeito. O sintoma representa uma solução de compromisso entre as demandas inconscientes e conscientes, dito de outro modo, o mal cheiro tanto serve à consciência quanto ao inconsciente, entretanto, com sentidos opostos.

Ademais, tal sintoma explicita a regressão de Macabéa a fase anal. Nas articulações freudianas acerca do dinheiro e suas relações simbólicas, Freud (1905/1996) aponta uma analogia entre as fezes, dinheiro e a sujeira, nas quais as fezes constituem primeiro objeto de troca entre a criança e o adulto, ou seja, a criança antes de interiorizar o asco e a vergonha em relação ao corpo e as fezes, considera sua produção fecal como uma primeira grande moeda de troca e negociação no mundo dos adultos. No ato de defecar, a criança expressa as primeiras relações de negociação. Através do autocontrole esfínteriano, recusa ou concorda afetivamente com a mãe cuidadora, pois o ato contém sensações de volúpia mescladas às dolorosas. Na relação de negociação, as fezes adquirem também o sentido de presente, tendo em vista que se constituem como parte do próprio corpo. A criança entrega como um presente, uma parte de si, um pedaço de seu próprio corpo ao adulto, logo muito valorizado. A criança exprime sua docilidade ou obstinação presenteando por meio da evacuação ou hostilizando através da retenção. Tais dinâmicas refletem diretamente no traço de caráter em torno do dinheiro, tendo em vista sua relação simbólica. A partir dessa perspectiva, ou seja, de retorno e ao prazer da fase anal, é possível identificar que para a personagem, a sujeira está vinculada, de forma inconsciente, a uma dádiva, a algo de valor, o sujeito ruim como anúncio de uma produção preciosa, por isso a retém. Tal possível sintoma, se explicita na medida que escutamos que Macabéa ao mesmo tempo que camufla o desejo e a mulher de prazer através da sujeira, também pelo mesmo ato aponta o prazer em ser uma mulher que deixa uma marca, a marca da sujeira.

Tal sintoma é visto nas mulheres obsessivas da atualidade, Kehl (1998) ressalta que as mulheres obsessivas sustentam um grande blefe, que se refere à denúncia da inconsistência no Outro, que a faz sofrer ainda mais, quando ela a presente refletida em si mesma. Muitas das tristes histórias de fracassos repetidos na vida profissional ou intelectual, por exemplo, advém desta manobra: ao ser posta à prova, a obsessiva prefere falhar ou mesmo desistir, convicta de que não sabe o suficiente. É possível vislumbrar tal movimento em direção ao fracasso na história de Macabéa, sua vida não possui brilho, pois geralmente a obsessiva é a síndica, a careta, a legalista. A que tenta barrar qualquer excesso no gozo do seu semelhante, que possa lembrá-la o quanto ela mesmo não se permite. Ainda quando seu sintoma se manifesta na forma da delinquência por sentimento de culpa, é para afirmar a lei, para fazê-la funcionar ao pé da letra que ela transgride e se faz castigar. Sua preocupação com as regras, com as pequenas exigências da lei, com os compromissos, com a opinião do semelhante, faz parecer que a obsessiva é a principal responsável pela sustentação do laço social. Isto é, provavelmente, o que qualquer neurótica obsessiva diria de si própria – que sem o esforço dela, o mundo não andaria nada bem -, isto é comum entre as mães e esposas obsessivas, que dizem que sem elas, nada funcionaria.

A personagem em certo momento, ao ouvir a rádio, ouve o locutor anunciar: “Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade” (Lispector, 1977 p. 33). Então ela se arrepende. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo. O pastor também falava que vingança é coisa infernal, então ela não se vingava. Laplanche e Pontalis (2001) destacam que é justamente na tentativa de conter a angústia que o ego lança mão de uma defesa com conotação moral, especialmente através da culpabilidade, das ferozes auto-acusações. O sentimento de culpa está intimamente ligado aos desejos incestuosos que, em função da regressão à organização sádico-anal, transformam-se em desejos agressivos, desejos de morte dirigidos ao objeto ou ao próprio eu. A autopunição obsessiva de Macabéa, ao se arrepender de tudo, indica a satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas ao objeto - tia e seu chefe, e que então retornam sobre ela mesma. A moça vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que vinha de si, em si mesma. “Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim” (Lispector, 1977, p. 25). Ela não sabia que era, o que era.

Em suma, Macabéa não existia, ou seja, ela não tinha identidade, não tinha um núcleo identitário que a caracterizasse, que representasse seu desejo. Nesse sentido, é possível problematizar o ódio na neurose obsessiva ao interpretar o recalco de Macabéa pela tia, ou seja, ali existe um sujeito que odeia essa tia que lhe tira os prazeres, que odeia esse outro que lhe rouba a vez de gozar, o ódio da tia se reflete em um mecanismo de autopunição, mas também de formação reativa, dito de outro modo, transforma no contrário, faz mais a vontade da tia, quando quer matá-la de ódio. A subserviência de Macabéa em relação aos mandos de sua tia aponta para justamente seu oposto, uma vontade de aniquilar, de destruir aquilo ou quem a impede de viver. Laplanche e Pontalis (2001) conceituam a formação reativa como uma ação psicológica de sentido oposto a um desejo recalco e constituído em reação contra ele. Em suma, a formação reativa é um contra investimento de um elemento consciente, de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente. Dessa forma, nota-se que o movimento que a personagem faz é contra seus desejos, seguindo as regras de seu superego (tia simbolicamente introjetada por Macabéa). Como pode-se analisar, a personagem em questão apresenta uma ação forte do Superego que se culpa constantemente por existir e por querer desejar. É possível vislumbrar tal ato na cena “parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” (Lispector, 1977, p. 23).

O único luxo da moça era o de tomar um gole de café frio antes de dormir, porém, pagava o direito de usufruir de um pequeno luxo na vida tendo azia ao acordar. Em outra cena, a autora aponta que a personagem:

Toma um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de roscas açucaradas, sem falar num pequeno bolo. Macabéa, enquanto Glória saía da sala — roubou escondido um biscoito. Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se, perdoada. O Ser a perdoava de tudo. No dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa de nervosismo de beber coisa de rico, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não desperdiçar o luxo do chocolate.” (Lispector, 1977, p. 60).

Em 1907, Freud escreve “Atos obsessivos e práticas religiosas”, texto no qual encontramos um maior detalhamento de um dos polos sintomáticos da neurose obsessiva, os rituais obsessivos ou atos compulsivos. Neste texto, o autor indica a proximidade entre os atos obsessivos e as práticas através das quais os crentes expressam sua devoção. Os rituais obsessivos têm como característica principal o

fato de obedecer a leis desconhecidas que regulam o que é permitido e o que fica proibido. No ato da personagem de roubar um biscoito, em seguida pedir perdão ao Ser abstrato e no outro dia passar mal, nota-se um ritual obsessivo que a faz pagar com o próprio mal-estar no dia seguinte. Para Macabéa desejar está intimamente ligado ao sofrimento. Nota-se nessa cena o quanto ela não podia aproveitar, precisava pagar com a azia, pois se culpa em se permitir viver um pequeno (proibido) prazer. Do mesmo modo, evidencia-se esse movimento na cena em que a personagem não consegue ainda comer a sobremesa - queijo com goiabada, depois do almoço. Contudo, agora não é a tia que a proíbe, é a própria Macabéa. A obsessiva se pune, como forma de aviso para que as coisas fiquem como estão, pois, assim, é melhor, manter-se na mesmice é seguro e logo, não são realizados novos movimentos. Nota-se tal ação na personagem diante da seguinte cena: “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo.” (Lispector, 1977, p. 20). A neurose obsessiva coloca o sacrifício em cena em busca do ideal: jejum, dores e penitências são exemplos da ação do supereu e do masoquismo do eu (Coppus e Bastos, 2012). Percebe-se então, que ser carrasco de si mesmo não é em vão. A pena que se paga pela submissão a um supereu feroz sustenta a fantasia de um Outro em que a falta poderia ser controlada.

Macabéa, além de café, só bebe Coca-Cola, é curva e pálida, alguém que não sabe sobre a própria infelicidade. Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto, não sabia o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Apesar de tudo, a única coisa que ela queria era viver. Não sabia para quê, não se questionava. Talvez, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Em meio a um mar de inexistência de desejo, havia um, o de se tornar estrela de cinema. Todavia, sustentar esse desejo implica em uma sensação de morte. Nesse sentido, Lispector (1977, p. 28) explora que:

Toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir um gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro. Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa.

Logo, a obsessiva além de revelar o intenso conflito entre amor e ódio, revela também um intenso conflito entre o desejo e sua proibição. Este aspecto desvela, outra faceta da ambivalência à qual este ato está submetido, um imperativo que conduz à ação, que obriga de forma implacável, mas ao mesmo tempo restringe, limita. Esse é o cerne da compulsão, defesa contra a tentação, de um perigo ligado a uma satisfação ilícita, e medida de proteção contra o risco futuro de uma punição ou a própria morte (Lispector, 1977). Por isso a personagem “vive de menos”, porque viver implica desejar, e para Macabéa, desejar é morrer. A personagem não se autoriza a quase nada, até mesmo, a vida.

Em certo momento, algo muda, após pensar sobre sua rotina, inventa algo para não ir ao trabalho, ficando sozinha em casa. Então, ela ouve o rádio, dança e rodopia, manifestando ao menos um indício de existência do desejo. Agora tem um espaço para usufruir. Em maio, mês das borboletas, encontrou a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse engolido um passarinho. O rapaz e ela se olharam, e se reconheceram como dois nordestinos,

começaram a namorar. Então a personagem começou a parecer ser gente, a ter um elo com o mundo. O namorado, Olímpico de Jesus, se considerava inteligente, sonhava em ser deputado, se julgava peça-chave, já Macabéa, era só ela. A moça não dava nenhuma despesa a Olímpico, a não ser uma única vez em que ele lhe pagou um cafezinho pingado que ela encheu de açúcar - quase a ponto de vomitar, mas controlou-se para não fazer vergonha. É possível visualizar nessa cena que novamente a personagem teve que “pagar caro” por viver seu desejo, colocou tanto açúcar em seu café, a ponto de quase precisar vomitar.

Logo depois, foi desprezada pelo namorado, humilhada e substituída. E já que não era pessoa triste, procurou continuar como se nada tivesse perdido. A partir de tal evento, se escuta um grande mecanismo de defesa utilizado por Macabéa, o isolamento do afeto, típico da neurose obsessiva, que consiste em isolar um pensamento ou um sentimento, de tal modo que as suas conexões com outros pensamentos ou com o resto da existência do sujeito ficam rompidas (Laplanche e Pontalis, 2001). A personagem isola o afeto para não sofrer pela partida do namorado. Macabéa toma apenas Aspirina para não se doer.

Ela se dói por dentro, mas não sabe explicar, porque utilizando tal mecanismo, não quer dizer que ela ainda não sofra. “Ela sabia o que era o desejo — embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía (Lispector, 1977, p. 40).

Assim como a Macabéa, na atualidade, a frequência com que se percebe mulheres obsessivas pesadamente medicadas como melancólicas, em alguns casos intoxicadas pela ingestão de lítio, passando mal sem protestar. Ali onde a histérica se revoltaria, desafiando o saber médico, a obsessiva, escrava, obedece, aprofundando-se pelo abismo da pulsão de morte, na falta do significante fálico dado pelo desejo do homem. A contingência própria à posição feminina acentua a condição trágica em que a mulher obsessiva pode ser lançada: como na tragédia antiga, ela se torna um brinquedo dos desígnios do Outro (Ribeiro, 2006).

A personagem decidiu então, ir até uma cartomante, que leu sua mão e disse que de repente sua vida mudaria completamente. Isto é, Macabéa procura outra mulher para responder de si, pois a obsessiva precisa instaurar esse grande outro para cumprir seu papel de moça obediente. A cartomante previu que Macabéa teria um estrangeiro com quem casar, muito amor, muito dinheiro, veludo e cetim, casaco de pele. Uma premonição que a fez repensar sobre sua vida, a abdicar de sua crença de que nada sabia. Um prenúncio simbólico traz outra possibilidade de ser. Macabéa começou a se tremer toda, por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade (Lispector, 1977).

Então ela sai da cartomante, atravessa a rua e o destino sussurrou veloz e guloso: “é agora, é já, chegou a minha vez!” (Lispector, 1977, p. 79) e uma Mercedes amarela atropelou a moça. Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as previsões de Madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Bateu com a cabeça na quina da calçada e ficou caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça surge um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. Lispector (1977, p. 73) salienta o pensamento de Macabéa: “hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” Neste momento, não se tem apenas a morte física, mas principalmente, a relação entre desejo e morte da personagem. Lispector (1977, p. 78) comenta que “a morte é um encontro consigo”. Dessa forma, Macabéa

provoca a pensar que a felicidade na neurose obsessiva está diretamente ligada ao sujeito ter que lidar com a ameaça de castração, isto é, tem a ver com a morte. A morte relacionada a personagem conseguir matar o excesso que cobrava respeito a regra, que cobrava mediocridade.

Nesse sentido, Macabéa rompe com uma dinâmica psíquica que sempre a cobrava para ser menos desejante, mais discreta e mais obediente. É isso que morre quando nasce uma Macabéa mulher dos desejos, dessa forma, depara-se com a falta, com a incompletude, que aponta um vazio, vazio este que possibilita a personagem recriar-se, vivenciar a potência do desejo num lugar onde não se sabe de tudo e não precisa se dar conta de tudo. A falta não é mais humilhação ou equívoco, é justamente o que permite o movimento da vida. A partir disso, novos movimentos são possíveis, a personagem renasce no momento de seu atropelamento, ela nasce na morte. Esse é o percurso de Macabéa, lidar com um futuro imprevisível, com o que ninguém sabe, ser uma mulher de desejos.

CONCLUSÃO

A partir da criação da teoria psicanalítica, Sigmund Freud funda uma nova forma de conceber o psiquismo humano. Esse movimento se inicia com as histéricas da época, que até então, eram ditas como mentirosas pelos médicos e pela sociedade. O sofrimento dessas mulheres não era validado, pois não eram consideradas doentes, visto que, não apresentavam sintomas que eram comprovados por meio de exames. Freud dá voz às histéricas, concomitantemente, a outro sofrimento relacionado ao pensamento. À vista disso, cria um novo conhecimento, apontando a pluralidade que é o psiquismo humano. A genialidade e a originalidade freudiana é escutar a neurose obsessiva.

A análise da personagem Macabéa propõe justamente elucidar o sofrimento das mulheres obsessivas, visto que, tal sofrimento é facilmente despercebido na clínica, pois é um sofrimento que se adapta facilmente ao mundo. Assim como Macabéa, as mulheres da atualidade continuam sendo subservientes ao papel social que lhe é imposto - dona de casa, recatada, fiel ao matrimônio, que cuida dos filhos e acata as ordens de seu marido - e para mais, sustentando outras demandas, que incluem a vida social e profissional. O sofrimento neurótico obsessivo existente nessas situações é acreditar que se dá conta de tudo. É não blefar com a vida e com o mundo, ou seja, acreditar que existe alguém que escapou da castração e que é possível controlar, antecipar e prever a vida e os desejos.

A personagem possibilita visualizar o quanto realizar um desejo para a obsessiva está intimamente ligado à ameaça de castração, e conseqüentemente com a fantasia de morte. A resistência frente à mudança, o estado de viver de maneira medíocre, refletem o medo de fracasso ligados à neurose obsessiva. Além de propor uma análise de uma personagem da literatura e articulá-la com a teoria psicanalítica, este artigo objetivou escutar a obsessão feminina na vida cotidiana. Portanto, analisar Macabéa fundamenta sua relevância em uma construção de conhecimento em Psicanálise e literatura. Clarice Lispector possibilita em sua obra a análise do cotidiano e das relações edípicas que constituem uma dinâmica obsessiva, ainda que longe dos divãs e consultórios de psicanálise. A autora, como já dizia Freud em relação aos poetas, inspira e mobiliza um sentir sobre as angústias, ameaças e todos os mecanismos de defesa frente ao desejo.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Humberto Barbosa. **Desejo e neurose obsessiva**. 2011. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2011.
- AUTORIA. Título: subtítulo. ano. Tipo de Trabalho (trabalho de conclusão de curso, dissertações, teses, monografias), grau (graduação, especialização, entre outros), instituição, local, ano da defesa.
- CHEMAMA, Roland. A neurose obsessiva feminina hoje. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n.17, p. 6-25, nov. 1999.
- COPPUS, Alinne Nogueira; BASTOS, Angélica. O corpo na neurose obsessiva. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 115-125, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 nov. 2022.
- FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original publicado em 1914-1916 (Vol. XIV).
- FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original publicado em 1894 (Vol. III).
- FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original publicado em 1986 (XIV).
- FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (O "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos"). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996). Original publicado em 1909. (Vol X).
- FREUD, Sigmund. Caráter e erotismo anal. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original publicado em 1908 (Vol. IX).
- FREUD, Sigmund. O sentido dos sintomas. In: **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Conferência XVII. Rio de Janeiro: Imago 1996, p. 265-279). Original publicado em 1916-1917 (Vol. XVI).
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original publicado em 1095 (Vol.VI).
- FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. **Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original publicado em 1916-1917 (Vol. XIII).

IRIBARRY, I. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 115-138, jan/jun. 2003.

KEHL, Maria Rita. Blefe. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n.17, p. 79-82, nov. 1999.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 73-81, 2013.

LACAN, J. **O seminário**, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. Seminário original publicado em 1957-1958.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1977.

MEZAN, Renato. A vingança da esfinge. **São Paulo: Brasiliense**, 1988.

MEZAN, Renato. Freud, pensador da cultura. **São Paulo: Brasiliense**, 1985.

RIBEIRO, M. A. C. A mulher obsessiva entre a tragédia e o humor. In: **Obsessiva neurose**. BERLINK, M. T. (org). São Paulo: Escuta, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTORO, Vanessa Campos. A Mulher que sabia demais. **Cogito**, Salvador, v. 6, p. 85-87, 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792004000100020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 maio 2022.